

## Descolonização



Por **WALNICE NOGUEIRA GALVÃO\***

*Uma nova fase da descolonização, não mais pelas armas, mas via objetos culturais, surge em filmes que falam sobre a repatriação de obras de arte*

## No cinema

Uma nova fase da descolonização, não mais pelas armas, mas via objetos culturais, surge em filmes que falam sobre a repatriação de obras de arte subtraídas pelos nazistas. *A dama dourada* focaliza o processo, afinal vitorioso, movido pela herdeira de Adele Bloch-Bauer, retratada por Gustav Klimt, contra o Museu Belvedere, de Viena.

Esse é um caso individual de restituição de roubo. O panorama mais amplo, em sua generalidade, foi abordado pelos americanos em *Caçadores de obras-primas*, que se concentrou no fim da Segunda Guerra, quando os Aliados montaram uma operação de busca e resgate dos tesouros espoliados pelos nazistas.

Sabia-se que tinham desfalcado todos os países que ocuparam e que tinham arrecadado obras de arte aos milhões. Também gostavam de livros preciosos, manuscritos iluminados, jóias, moedas e medalhas, objetos de culto, e assim por diante. Não enjeitavam nada... Tudo isso iria para o *Führermuseum*, museu pessoal de Hitler, em sua cidade natal de Linz, na Áustria, que seria o maior museu do mundo, desbancando da primeira posição o Louvre.

Os Aliados criaram uma comissão com representantes de cada um dos países interessados: um francês, um inglês e assim por diante. Menos um russo, pois os russos vinham em direção contrária e se chegassem antes, se apossariam de tudo. O filme joga com isso, conferindo suspense à disputa sobre quem abocanaria primeiro o butim. O nome informal da comissão seria *Monuments men*, título original do filme.

Um elenco de estrelas atrai os espectadores: George Clooney (dublê de diretor), Matt Damon, Cate Blanchett, Bill Murray, Jean Dujardin, Hugh Bonneville, John Goodman - e muitos mais. O enredo, sintetizado numa busca só, concentra-se na "Madona e o Menino", escultura de Michelangelo em mármore surrupiada à catedral de Bruges, na Bélgica.

A operação conseguiu encontrar e repatriar toneladas de peças enfurnadas nas galerias subterrâneas de minas de sal na Áustria.

Ganha um perfil encarnado por Cate Blanchett uma figura extraordinária, que é Rose Valland. Ela ficou a guerra inteira trabalhando no museu *Jeu de Paume* de Paris, centro de recolhimento e concentração dos saques nazistas, pacientemente documentando às escondidas tudo o que era roubado, além de por um sinalzinho na própria peça para reconhecimento futuro. Você pensa: a vida dela daria um romance...

Pois deu uma autobiografia, *Le front de l'art*, embora esteja mesmo pedindo um filme, com lugar garantido entre estes, tais as peripécias que conta. Ela acabou por se tornar uma especialista e seria convocada para trabalhar na Alemanha no pós-guerra, sempre cuidando das repatriações. E, anos mais tarde seria nomeada responsável suprema das coleções de arte da França.

Por seu lado, os russos nos enviam o filme *Francofonia - O Louvre sob ocupação*. Não é um filme qualquer, já que tem por diretor o grande Alexandre Sokurov (de *Arca Russa* e *de Fausto*) e foi premiado no Festival de Veneza. Pelo jeito, o diretor é obcecado por museus, pois *Arca russa* se passa dentro do *Hermitage* de São Petersburgo. Os russos trazem outro ponto de vista. Entram em cena os nomes, por aqui pouco conhecidos, de heróis civilizadores como Jacques Jaujard e o conde Metternich. Este último, oficial nazista, teria até, segundo o filme, recebido a Legião de Honra pelo empenho em proteger o patrimônio artístico francês, escondendo-o de seus próprios correligionários.

Em inserções ficcionais anacrônicas, aparece um divertido Napoleão megalomaníaco que tudo quer absorver e possuir, repetindo: "Sou eu!". Até aponta a Mona Lisa, que o olha de soslaio com seu ar quase zombeteiro, e diz: "Sou eu!". Por sua vez, Jacques Jaujard é o valente Diretor dos Museus da França que comandou o preparo e evacuação de quatro mil caixotes de obras de arte, retirando-as dos locais habituais onde estavam expostas e escondendo-as em castelos no interior do país. O filme avança valiosas reflexões sobre os laços entre arte e poder.

Demorou, mas ele acabaria ganhando um filme só para si mesmo, em 2015: *Illustre et inconnu. Jacques Jaujard a sauvé le Louvre*, que seria agraciado com o prêmio Emmy.

## Despojos de papel

Ante a amplitude descomunal do roubo perpetrado pelos nazistas, entende-se melhor a rapinagem de papéis que os americanos fizeram (*London Review of Books*, 2.7.2020). Bibliotecários e *scholars*, acolitados por militares, varreram a Europa e levaram tudo o que de longe pudesse parecer documentação, sendo de primeiro interesse os próprios arquivos nazistas, que eram numerosos, e documentos de Estado.

A coleta - se o eufemismo for adequado, pois se tratava mais de saque e pilhagem, ilícitos e ilegais - feita pelos americanos já começara às vésperas da guerra, antecipando a destruição. Livros e periódicos eram comprados e mandados para os Estados Unidos em trens e navios abarrotados. O que não dava para comprar era copiado em microfilme, uma recente invenção.

Mas também, o que já era menos justificável e relevava do roubo puro e simples, gradualmente passaram a recolher patentes e tecnologia industrial, para beneficiar os negócios americanos em casa.

A operação no seu conjunto resultou de uma parceria entre a Biblioteca do Congresso e os serviços de espionagem. Se você nunca se perguntou, ante seu gigantismo, como é que esta veio a ser a maior biblioteca do mundo, especialista em materiais para assessorar os parlamentares, eis aí a resposta. A maior parte do material recolhido foi para lá. E, na embriaguez da vitória, os conquistadores passaram a assaltar as bibliotecas públicas e as universidades.

Isso foi no passado, mas no presente a questão continua fervendo. Agora os franceses fizeram mais um filme, intitulado *Restituer l'art africain - Les fantômes de la colonisation*, que traz um histórico das relações entre França e África, analisando as várias metamorfoses que assumiram conforme os tempos foram mudando. Assim, o documentário passa pela Partilha da África, pela guerra colonial, pela ocupação do Daomé (atual Benin) e países circunvizinhos como Mali, Senegal, Nigéria, Congo.

Depois, examina as exposições coloniais e a criação de instituições como o *Musée de l'Homme* no Trocadéro, quando surge o interesse pela Etnografia. Esse museu atraiu os pintores modernistas que lá iam contemplar as esculturas africanas e

valorizaram esteticamente o que antes era visto pelo prisma do exotismo.

Outra fase começa após o fim da Segunda Guerra, com a liberação das colônias e o pan-africanismo. É então que o deus Gu é “promovido” do Trocadéro para o Louvre, ao ser reconhecido como obra-de-arte. Escultura de metal em tamanho natural, parte dos famosos Bronzes do Benin, representa o deus da metalurgia e da guerra. Embora se saiba que residia no palácio real em Abomei, sua etiqueta no Louvre é muda a respeito de proveniência e condições de expropriação... para abusarmos de mais um eufemismo.

O documentário fala longamente da notável iniciativa do *Musée de l'Homme* que foi a expedição à África para coletar artefatos e estudar as populações, com duração de dois anos a partir de 1931. Atribui todo o mérito a Michel Leiris, futuro autor de *L'Afrique fantôme*, e nem sequer menciona o nome do chefe da expedição, da qual ele era secretário. O chefe era Michel Griaule, distinto etnólogo que estava em meio à constituição de uma notável folha de serviços, vindo a ser o maior especialista nos dogon do Mali, assim como futuramente na Etiópia.

Michel Griaule fez carreira como professor de Etnologia na Sorbonne. A expedição se chamava Travessia Leste-Oeste ou Missão Dakar-Djibouti. Ao fim, chegaram a desconfiar de seus próprios métodos, pois acabavam por copiar os colonialistas, intimidando os nativos, profanando objetos sagrados de culto e confiscando estátuas de deuses.

No momento, a África está providenciando abrigo para a repatriação das 90 mil peças que a França levou ao longo da História. Já estão funcionando três novos museus de artes africanas em Dakar, Joanesburgo e Gizé – todos moderníssimos, na arquitetura e na museologia. O palácio do rei Beanzim na capital do Daomé, Abomei, arrasado pelo invasor francês, foi reconstruído e aguarda o retorno de seus conteúdos, entre eles o deus Gu. Em tempo: os recentes conflitos armados não são alheios à exploração pela França das riquezas da região.

\*Walnice Nogueira Galvão é professora Emérita da FFLCH da USP. Autora, entre outros livros, de [Lendo e relendo \(Sesc|Ouro sobre Azul\)](#). [[amzn.to/3ZboOZj](https://amzn.to/3ZboOZj)]

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**